

Laje: um mundo de possibilidades - a significação do espaço para a produção cultural

Nathália Brunet Procópio da Silva (UFES) - natibrunet@gmail.com

Niciane Estevão Castro (Ufes) - nicianecastro@hotmail.com

Resumo:

Esta pesquisa buscou refletir sobre a categoria espaço, repercutida em diferentes campos de estudo, com o objetivo de perceber os significados da laje para a produção cultural, a partir da fala e das intervenções da equipe do projeto cultural “Nós Amamos Laje”. Para tal, foram realizadas entrevistas em profundidade, semiestruturadas, e adotadas as técnicas de observação não participante no trabalho de campo. Para análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo que permitiu identificar diversos significados presentes na leitura e uso da laje como espaço de intervenção cultural e artística. Nos dois momentos de discussão do “espaço de interações e ações” e do “espaço de conflitos”, procurou explorar o espaço como fenômeno construído socialmente, palco de representações e significados, construídos e desconstruídos cotidianamente pelas relações estabelecidas. Os resultados obtidos implicam na melhor compreensão dos desafios da produção cultural, pensados sob a perspectiva da criação de novos significados para os espaços culturais frente às hierarquias sócio espaciais nas cidades, bem como contribui na discussão sobre a significação e a ressignificação do espaço urbano.

Palavras-chave: *espaço; significação; ressignificação; produção cultural;*

Área temática: *GT-02 O Lugar do Espaço nos Estudos Organizacionais: Espacialidades, Materialidades, Territorialidades*

APRESENTAÇÃO

Na cidade contemporânea onde se sobressaem a fragmentação, a individualização da vida humana e a homogeneização das representações há, também, um *infinitum* de sociabilidades e significações distintas que operam nas experiências cotidianas e nas práticas sociais no interior de diversos grupos. Nesse sentido, as abordagens sobre a cidade no âmbito das suas configurações espaço-temporais na modernidade tardia e suas problemáticas decorrentes dos processos desenfreados de urbanização, tal como nos sugere Magnani (2002), não findam suas possibilidades de investigação: há, certamente, uma pluralidade de alternativas para se refletir o espaço e as dinâmicas urbanas e uma dimensão pouco explorada consiste no olhar para os atores sociais.

Todavia, o espaço molda as ações humanas ao mesmo tempo que é modificado por elas. Não cabe aqui a compreensão de espaço como sentido absoluto ou relativo dado pela geografia clássica, mas como um espaço relacional onde ocorre a combinação entre a materialidade e as relações sociais (Santos, 1988). Sendo assim, o espaço possui um caráter tão plural quanto as possibilidades de arranjos das formas que lhe compõe, cada qual contendo os aspectos objetivos e subjetivos da sociedade. O espaço para além da sua qualidade de mero cenário é vetor da interação e da prática social (MAGNANI, 2005; FISCHER, 2010). Nessa perspectiva, é plausível compreender a diversidade de significados que um mesmo espaço pode ter à medida que o indivíduo lhe intervém cotidianamente.

Não se subestima aqui, o contínuo processo de produção espacial que o sistema capitalista desencadeia, com sua lógica permeando as diversas esferas do espaço e da vida urbana, bem como as limitações de acesso e inclusão diante de espaços pulverizados pela propriedade privada. Porém, esse artigo não trata, necessariamente, de repercutir a marginalização, propondo, por outro lado, abordar, diante destes cenários, as relações entre os produtores culturais e os espaços, sobressaltando suas intervenções, suas práticas ressignificantes. **Desse modo, o nosso objetivo é perceber os significados da laje para a produção cultural, a partir da fala e das intervenções da equipe do projeto cultural “Nós Amamos Laje”.**

Compondo nossa reflexão teórica, levantaremos algumas abordagens do espaço em diferentes campos do conhecimento. Lefebvre (2000), por exemplo, defende o espaço como categoria fundamental para a compreensão e análise de fenômenos e processos inerentes a sociedade moderna. Reunido em seu conceito os aspectos mentais, culturais, sociais e históricos para defender a concepção de um espaço que não existe na sua essência, mas é um produto (social). Segundo o autor, as características homogeneidade, fragmentação e hierarquização presentes no espaço moderno se tornou uma lógica presente no funcionamento de toda sociedade, por isso a relevância de compreender e analisar os diferentes níveis dos processos espaciais.

Ademais, os princípios da interpenetração e da superposição presentes nos espaços sociais possibilita que “cada fragmento retido pela análise não esconde uma relação social, mas uma multiplicidade que a análise revela” (LEFEBVRE, 2000, p. 132). O contexto da produção e o desempenho dos atores sociais são elementos substantivos na compreensão dos significados do espaço, independente da perspectiva abordada (material ou simbólica). Assim, o autor compreende o espaço em função da forma em que ele é *percebido*, *concebido* e *vivido* pelo sujeito, e novamente alude nesse contexto a relação com seu próprio corpo, e vice-versa.

Essa tríade dialética de Lefebvre (2000) abarca simultaneamente aspectos produtivos do indivíduo e da sociedade, onde a percepção sensorial do espaço *percebido*, a produção do

conhecimento que designa o espaço *concebido* e experimentação prática na vida cotidiana do espaço *vivido* requerem “comunicação, confronto, comparação e, por conseguinte, linguagem e discurso, signos e trocas de signos, ou seja, uma troca mental, para que a troca material se realize efetivamente” (SCHMID, 2012, p. 15). Nesse sentido, o teórico, compreendendo que não existe primazia de nenhuma das dimensões em relação a outra, afirma que o espaço é produzido e reproduzido continuamente em sua rede de relações.

Chanlat (2010) também problematiza o espaço *concebido* e o espaço *vivido* ao tratar o espaço e o tempo como dimensões de toda atividade e experiência humana, inclusive considerando como lugar social que conforma as interações entre as pessoas, mas numa perspectiva de alicerce da identidade pessoal e social. Assim, de acordo com autor, o espaço que é apropriado por cada ator de forma peculiar, torna o espaço *concebido* submetido à crítica do espaço *vivido*, toda vez que realizado, uma vez que ambos estão permeados de significados e simbolismos. Essa apropriação deliberada ocorre fisicamente ou psicologicamente, ou ambos; e exprimem, “a partir de uma ocupação ou de uma utilização específica do espaço, uma afirmação de si sobre os lugares” (FISCHER, 2010, p. 83). Portanto, o processo de significação imprime no espaço características e valores dos atores por meio de práxis que carregam sua própria narrativa cultural e social.

Também nos aproximamos, por exemplo, das contribuições de Carlos (2007) ao problematizar as noções de *não-lugar* e reivindicar o aspecto local e a partilha de sentidos; das contribuições de Fantinel, Cavedon e Fischer (2014) e Ipiranga (2009) pensando a significação dos espaços. A significação ou ressignificação do espaço ocorre de inúmeras e flexíveis maneiras, tão ampla é sua leitura e uso, por envolver, não somente o significado, mas também o contexto em que são produzidos (FANTINEL; CAVEDON; FISCHER, 2014). As autoras enfatizam a dimensão cultural do contexto, onde a fala e as práticas dos sujeitos tornam importantes fontes para análise dos vários significados envoltos no espaço.

No que tange à perspectiva das articulações entre espaços, cidade, arte e cultura traremos como referências as abordagens de Porto (2010) que traz indagações sobre pensar artes e cultura a partir dos espaços; Botelho (2001; 2004), Coelho (1997; 2008), entre outros, buscando ancorar a discussão das políticas, dos equipamentos e dos projetos culturais no cenário da cidade contemporânea. Em contraponto à definição físico-funcional, ao traçar a definição de “*espaço cultural*”, Coelho (1997) critica o uso genérico ou sem contestações da expressão e explicita as dimensões subjetivas que perpassam as noções de espaços e centros culturais, em que considera que o caráter abstrato da primeira é pouco explorado e a segunda encontra rejeições ao suscitar uma centralidade em que se pode questionar os embates entre cultura erudita versus os modos culturais não hegemônicos, ao passo que a ideia de centralidade revela que há também o que seja marginal.

Nessa última via de reflexão, acreditamos que a laje como espaço de múltiplas possibilidades seja uma instigante lente para reivindicar a pluralização do *lugar* da arte e da cultura frente às hierarquias sócio espaciais. Um passo à frente da compreensão da democratização do acesso cultural - em seus termos mais usuais - a laje, cotidianamente vivenciada nas práticas de lazer dos indivíduos de comunidades periféricas - do churrasco familiar de domingo ao aniversário do primo da tia do vizinho - quando pensada no âmbito do sistema de produção cultural, pode abrir caminho para o que Coelho (1997) descreve em contraponto à relação acesso-consumo: sugerindo a efetiva apropriação do produto cultural, a apreensão de todas as suas dimensões, em um processo que o torna substância para interpretações do mundo e da vida, reiterando que “o uso cultural deixa, no indivíduo, uma marca, um resto, enquanto o consumo cultural

caracteriza-se pela mera exposição passageira, sem que sobre, desse ato, nenhum resíduo” (COELHO, 1997, p. 35).

Desse modo, buscaremos refletir o processo de significação e ressignificação desse espaço, desvelar os novos significados e as relações com a experiência prática, bem como problematizar espaço, cultura, consumo e produção a partir das relações interdependentes do projeto, com o espaço e seus produtores. Para tal, em seguida a esta apresentação, explicaremos o percurso metodológico a ser adotado e apresentaremos o projeto que foi objeto de pesquisa, contando um pouco do surgimento, contexto e outras características, para então, apresentarmos os resultados das nossas análises, caminhando, posteriormente, para as contribuições finais realizadas até o momento.

PERCURSO METODOLÓGICO

No intuito de pensar para além da sua dimensão físico-funcional do espaço, possibilitando uma reflexão de sua dimensão subjetiva, adotamos uma abordagem qualitativa, entendendo que, conforme salientam Denzin e Lincoln (2006), a metodologia inevitavelmente se entrelaça com a natureza de disciplinas específicas e considerando a significação como um processo eminentemente humano entendemos que seja mais adequada ao nosso propósito e os autores recordam, ainda, que esta é uma metodologia que permite, com maior facilidade, chegar ao ser humano. Somado a isso, concordando com as contribuições de Gonzalez Rey (2005), que enfatiza uma epistemologia da pesquisa qualitativa, enfatizando o caráter construtivo e interpretativo do conhecimento, destacamos aqui, seus aspectos processual e relacional: a conexão entre o campo prático e a constante revisão e questionamento do olhar teórico que a *ele* nos dedicamos, a partir da experiência de pesquisa.

A pesquisa é, portanto, de base empírica e objetiva descrever aspectos percebidos no campo. Nesse sentido, ressaltamos seu caráter não-positivista. Adotamos como técnica de coleta de dados a observação não participante, a qual se deu nos eventos constante à programação do projeto investigado que possibilitou perceber e correlacionar as configurações e as dinâmicas espaciais dos locais e, adiante, observar os comportamentos e ações dos indivíduos, bem como, através de contatos e conversas informais, agregar compreensões. Como pontua Angrosino (2011), ainda que na perspectiva tradicional da observação, há um interesse pelos detalhes e aspectos aparentemente banais, assim como, em uma análise mais contemporânea, um deslocamento dos sujeitos para o papel de colaboradores.

Utilizamos também entrevistas realizadas em profundidade, semiestruturadas, com foco nas percepções dos envolvidos e na ampliação das informações sobre o próprio projeto. Segundo Gaskell (2000), além de ter a capacidade de explorar pontos de vistas, a entrevista, de base qualitativa, proporciona o desenvolvimento da compreensão das relações entre os atores sociais e a situação, em que as narrativas podem ser apreendidas em seus termos mais conceituais e abstratos.

Para análise tanto dos diários de campo decorrentes da observação, quanto das transcrições das entrevistas, utilizamos o método de análise de conteúdo, por estar relacionado às concepções sobre fenômenos simbólicos (KRIPPENDORFF, 1990), possibilitando perceber “tanto o conteúdo manifesto ou latente, e as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2006 *apud* MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011) e buscamos identificar zonas convergentes e divergentes que culminaram, então, na categorização de significações do espaço.

UMA LAJE DE POSSIBILIDADES: desvelando significados

A análise foi desenvolvida em dois momentos, cada um corresponde a uma categoria que abarca significações convergentes, referente as projeções da equipe do “Nós amamos laje” sobre o espaço da laje.

Tem uma laje aí? Um espaço de intenções e ações

Um primeiro aspecto a pontuar, ao percebermos a laje como um espaço de intenções e ações, é que a laje, dentro do projeto, quer seja no âmbito de comunicação, de cultura, ou ambos, não surgiu por acaso, nem possuir um fim em si mesma. Em outras palavras, apesar de inicialmente alguns aspectos funcionais terem sido levantados, justificando a escolha da laje para essas atividades, o que poderia nos levar apenas para uma visão da questão de aproveitamento de um espaço em alternativa à outros ou mesmo a um questionamento da falta de espaços na cidade, algumas falas revelaram reflexões conceituais e referências de outras experiências em lajes em outras cidades e inclusive em outros países – ressaltando diferenças existentes, que nos levaram a notar que esse espaço é *percebido* pela equipe do projeto com um espaço de múltiplas possibilidades de ação intervencionista, concreta “Aqui tem essa laje aqui na frente que eu fico louca! Ela é maravilhosa, a gente já tá de olho nela há um tempão! Ela tá cheia de gaiola, entulho...eu falo ‘gente não precisa tirar a gaiola, a gente pendura, bota luz na gaiola, inventa alguma coisa!’ (ENTREVISTA 2) e simbólica, em que, então, “A laje é uma escolha!” (ENTREVISTA 2) em função de comportar representações que, diante de um cenário urbano fragmentado, estão atreladas ao contexto social onde o projeto atua. Como Fischer (2010) ressalta, o espaço carrega e reproduz mais do que suas funções materiais, mas também seus valores sociais.

Demonstra-se que, se por um lado, há dificuldades de ordem legal e econômica para realizar eventos nas praças e outros espaços públicos, por outro lado, explicitam que as lajes para receberem o evento também seguem à determinados protocolos, mais ou menos flexíveis, e não seriam, então, necessariamente espaços mais fáceis de se trabalhar, sendo, ao mesmo tempo, “palco e problema”. Notamos, assim, que há um interesse não essencialmente na sua materialidade, mas, por sua dimensão subjetiva, pelo aspecto do que Fischer (2010) aponta como relativo a territorialidade e que Chanlat (2010), também discorre como lugar de fixação da identidade pessoal e social. Alguns eventos, inclusive, não acontecem na laje propriamente dita, como foi o caso do Engenharia Cultural, mas rementem à laje pela presença de determinados marcadores e pelo discurso. Há um interesse no uso da laje pelo projeto, por ser um espaço *vivido* de diversas maneiras no cotidiano das comunidades periféricas, em que as intervenções são propostas no intuito de ressignificar tanto seus usos, quanto as práticas culturais dos moradores.

Todavia, a realização do projeto em lajes “neutras” (comércio, associação, Ponto de Cultura, etc) ou até mesmo fora de uma laje física, a programação que integra espaços privados e públicos, bem como as características apontadas como interessantes na seleção dos espaços, demonstram a intenção deliberada de ensejar um significado de extensão da rua à laje, pois se incentiva a exploração das lajes privadas como pontos de produção cultural ao mesmo tempo que busca resguardar o livre acesso da comunidade. Essa percepção do espaço experimenta dificuldades em ser concebida, uma vez mesmo não havendo restrições em adentrar no espaço físico das lajes que recebem o projeto, se observa uma maior participação da comunidade nos

espaços já entendidos como público. Assim, a troca mental para efetivar a troca material, prevista por Lefebvre (2000), é fundamental para que ocorra a ressignificação do espaço.

Quanto às práticas culturais da comunidade, entendendo-as em seu sentido mais estrito, como atividades de produção e recepção das manifestações simbólicas (COELHO, 1997), mencionou-se, algumas vezes, o processo de expansão das igrejas evangélicas no Território do Bem como uma problemática sob o fazer e o consumir cultural da comunidade, em que a igreja passa a ser o espaço dessas práticas, em um processo que segundo falas, “demoniza” as manifestações populares ligadas as ancestralidades e ao mesmo tempo, rejeita tudo que não esteja dentro do seu “pacote”. Por outro lado, expressões culturais do contexto periférico, como o funk e o pagode, são também relatadas como um grande desafio ao projeto, mas deixaremos essa problematização para um próximo momento.

O que ressaltamos, neste aspecto, é que na intenção de produzir na laje um espaço que possibilite práticas culturais alternativas aos hábitos da comunidade, levam-se referências, valores, e experiências do que a equipe compreende tanto enquanto cultura, como enquanto espaço cultural e este último, de maneira singular, vem sendo ampliado à medida que a experiência prática do projeto avança, em um processo que é inevitável, como reflete Lefebvre (2000), quando expõe a centralidade da corporeidade e da materialização das práticas no processo de produção espacial cotidiana.

Assim, alguns aspectos, particularmente, chamam atenção: quando falavam (a equipe) das lajes pelas quais o projeto já passou ou mesmo pelas que ainda estão sendo “negociadas”, constantemente colocavam a laje da Varal – “a nossa laje”, como um referencial tanto de estrutura como de interações e atividades. Falavam da laje da Varal com afetividade, nos nossos primeiros contatos, fizeram questão de reforçar o convite para que conhecêssemos. Em tom de brincadeira, ouvimos algumas vezes que a laje delas era muito mais bonita. Quando conhecemos o local, percebemos que muito do que vimos nos outros espaços, era uma reprodução do que seria a laje “sede”: estrutura do palco, posicionamento do público, espaço de leitura criado e *layout* das lajes eram parecidas entre si. Nesse sentido, Chanlat (2010) recorda a carga afetiva e social do espaço.

Notamos, ao mesmo tempo, que as lajes tinham elementos que se associam a espaços culturais convencionais: percebemos palco, cenário, iluminação cênica, membros uniformizados, equipamentos de som ou, ainda, preocupações como segurança, horário, acessibilidade, registros visuais, isolamento acústico, presença da mídia, etc. que de maneira mais ou menos complexa estavam sempre presentes nos espaços observados. Mesmo diante de ausências, de um “território de exceção” buscam-se aproximações com aquilo que se concebe como espaço cultural.

A nossa percepção é que a equipe do projeto vivencia a laje enquanto um espaço de ação: seja ideológica, cultural, profissional e essa ação é consciente, tanto subjetiva, quanto materializada nas intervenções de organização espacial. Na ação intencional desses agentes, independente da preocupação, porém, como afirma Fischer (2010) ao abordar o espaço como suporte de uma comunicação, nem sempre a mensagem que se pretende transmitir é aquela que os usuários decodificam, que no nosso contexto de análise, pode ser relativizada ao pensarmos nos outros significados que as intervenções na laje têm provocado. Por fim, visualizamos, que as ações são constantes, a equipe está sempre ocupada e engajada, as intervenções no espaço são tangíveis e simbólicas e as intenções são múltiplas, entendidas de diferentes formas por cada um dos

membros, como um reflexo, todavia, de suas funções no projeto, suas formações profissionais e suas relações – efêmeras ou duradouras - com o próprio espaço e com a comunidade.

Uma laje pra chamar de minha: o espaço de conflito

Ficou explícito, que a laje traz representações do universo social que o projeto atua e, diferente do que supúnhamos antes de ir a campo: a resignificação da laje como “espaço de cultura” ou a apresentação dessa *outra* possibilidade de uso da laje, para além do núcleo familiar, privado, não vem causando estranhamento nos moradores da comunidade. “A laje tá tranquilo pra eles” (ENTREVISTA 1), todavia, as atrações propostas na programação cultural não estão e, neste aspecto, tem se estabelecido um espaço de conflito pelo que se quer praticar, valorizar e consumir em termos de cultura e lazer. Nesse sentido, programação é considerada um desafio pela equipe de produção, não pela logística em si, apesar de ter sido citada, mas, por algumas rejeições e resistências aos tipos de música propostos e pelas manifestações da cultura tradicional trazidas, como congo, maculelê e samba.

Vale salientar que um dos critérios mais pontuados na elaboração da programação é a inserção de manifestações da cultura popular tradicional, enfatizando àquelas de matrizes africanas, exercendo um papel fundamental no resgate de uma memória individual e coletiva ofuscada da sua própria história, por vezes esquecida da sua riqueza expressiva e festiva. No cortejo da banda de congo, formado, inclusive, por alguns moradores do bairro, as pessoas na janela se animavam, alguns acompanharam na rua, já na praça, alguns observavam de longe sem muito envolvimento, outros tantos registravam pelo celular. Uns senhores comentavam das músicas - “essas aí! só eles conhecem” entre algumas risadas e cigarros, “no meu tempo era...”.

Na laje, na rua, na praça, o espaço é o palco das interações do agora, mas que remetem também a outras temporalidades, que permite os contrastes, que encontra resistências e que coloca a memória como jogo em permanente construção (IPIRANGA, 2009), em um processo que pode até não ser suficiente no combate à preconceitos e nem pretendia ser, mas que fortalece identidades e colabora para uma cultura viva e dinâmica, para além de um resgate folclórico.

Por outro lado, quando enfatizam que priorizam as atrações locais, envolvendo moradores de dentro do Território do Bem, não se pondera, entretanto, a possibilidade de grupos locais com uma produção seja funk.. “não que não seja cultura, mas...” No evento da comunidade de Engenharia, por exemplo, poucas pessoas assistiam a apresentação do congo - que também saiu em cortejo após um tempo na quadra, e nesse momento agregou mais olhares e participação - e alguns adolescentes questionavam que horas seria a “rima” e mostravam-se um pouco impacientes. A “rima” referia-se à última programação prevista que teria uma batalha de MC’s e a apresentação de um grupo de *rap* da região metropolitana. O *hip hop* é um movimento que tem na periferia sua expressão mais plena, através da qual muitos jovens se expressam e se enxergam no contexto urbano. Nos eventos em geral, percebeu-se poucos jovens, com exceção daqueles que participavam das oficinas. Nesse sentido, como incentivar novas práticas sem subestimar o papel do *funk* e do pagode no cotidiano desses jovens?

Salientamos, todavia, que o projeto tem seu foco e desenvolve-se a partir dele, não necessariamente envolvendo essa questão. Mas, ao mesmo tempo não deixam de compor o espaço de conflitos que ressaltamos: acreditamos que há tanto uma resistência ao novo, quanto uma resistência a pensar o massivo sobre uma nova ótica. Nesse sentido, não é nosso propósito aprofundar-se numa esfera de discussão sobre o que é ou não é cultura. Ou mesmo nas concepções dos atores sobre esse assunto, entendendo que, por exemplo, problematizar temas

como cultura hegemônica, cultura de massa, cultura popular, periférica etc, evidentemente renderia um outro trabalho, de relativa complexidade. Mas pensar esse espaço de conflitos em que a cultura é a disputa central, como defende a psicanalista e crítica cultural Suely Rolnik (1997) tem um poder disruptivo e criador sob as subjetividades, nesse pensamento, há que se pontuar a dimensão política, social e cultural dessas pequenas disputas.

Emerge desse espaço, uma figura importante na mediação dessas vozes e interesses, no incentivo à participação e envolvimento da comunidade tanto na fase de organização, quanto nos eventos em si: o líder/representante comunitário. Por várias vezes o engajamento ou não da comunidade nos eventos foi atribuído a vontade e a capacidade de articulação de cada líder comunitário dentro do bairro. A equipe se reconhece como comunicadores, mas atribui a ação dessas pessoas a força política e motivadora principal para a adesão da comunidade nas suas ações.

Outras questões de menor impacto também traduzem esse espaço de conflito, como a relação com a vizinhança quanto ao volume do som e horário de término das apresentações. Há uma preocupação constante em não ultrapassar às 22 (vinte e duas) horas, visto que alguns problemas de reclamação já aconteceram. “Mas a comunidade pede? Pede. Pedem para ficar até meia noite as vezes, mas a gente não fica, fica até 10 horas [da noite], porque tem gente que gosta e gente que não gosta” (ENTREVISTA 1). Outros relatos conflituosos, também, que emergem da linha tênue entre o privado e o público em que a laje é trabalhada: a questão das preferências pessoais frente à um coletivo ou mesmo das possíveis desavenças entre vizinhos: “sou um morador que recebo qualquer pessoa ou sou um morador que fulano não conversa comigo e ciclano não conversa comigo, etc?” (ENTREVISTA 1).

Nesse espaço de conflitos que consideramos parte essencial em um processo de construção e desconstrução de valores e crenças, é oportuno pensar nas práticas culturais como experiências fixadas nas vivências cotidianas como um campo político de forças entre lógicas que se interferem mutuamente, conforme Barros (2013) coloca lógicas de sujeitos, lógicas institucionais, lógicas dos bens culturais, dentro de uma moldura social marcada por uma estrutura social de mudanças socioculturais e hegemonias em disputa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade do Projeto “Nós Amamos Laje”, assim como outras cidades brasileiras, possui várias regiões de grande concentração residencial que surgiram sem nenhum tipo de planejamento urbano, em áreas de relevo acidentado, muitas vezes em condições agravadas pela falta de estrutura socioeconômica de seus moradores, que limita ainda mais o acesso do sujeito aos espaços de sociabilidade e cultura. Nesse contexto, a laje que por si só é um ativo de importante valor econômico, passível de venda ou transferência, remete diversas significações sociais, políticas e culturais que são representativas no ambiente que lhe circunda, bem como complementa os significados dos mesmos em um contexto urbano.

A laje, como outros espaços sociais, são “atribuídos significados diversos, a depender das interações que acontecem nestes locais” (FANTINEL; CAVEDON; FISCHER, 2014, p. 163). Pode ser o espaço para tomar sol, plantar uma horta, fazer churrasco, realizar um culto religioso, apresentar um filme, estender roupa, guardar material de obra, empinar pipa, dentre tantas outras possibilidades de leitura ou uso decorrentes em grande parte da falta de um espaço plano

para atividades individuais e coletivas. Sendo assim, é um espaço significativo na compreensão das relações estabelecidas entre sujeito e seu espaço social em uma cidade contemporânea.

No caso estudado, singularmente, os significados da laje para a produção cultural mostraram aspectos bastantes distintos que se complementam. As “intenções e ações” percebidas a partir da fala e das intervenções da equipe são complementares ao explorar as inúmeras significações da laje como espaço cultural, reconhecendo seus aspectos físicos e subjetivos, ao mesmo tempo que ressignifica a relação público e privado. Entretanto, as práticas cotidianas de produção cultural perpassam por lidar com divergências que geram “conflitos”, também perceptíveis na produção do espaço, especialmente, nos aspectos simbólicos. Por fim, a laje aparece como um lugar de trocas, de experiências e experimentações para as práticas cotidianas, tanto quanto para produção cultural, em que novos sentidos são incorporados ao fazer da equipe.

Assim, esse processo de significação e ressignificação de um espaço tão plural, como a laje, exige uma postura contínua e cautelosa, como eles mesmos pontuam: “estamos ainda devagarzinho nesse processo” (entrevista 1), nesse “leque de possibilidades” (entrevista 1) que a laje nos abre. Nesse sentido, entendemos que as contribuições deste texto envolvem a compreensão da produção cultural como uma importante prática na construção de significados em espaços usualmente destinados para outros fins da vida cotidiana.

Contudo, acredita-se que a pesquisa atual é um fator motivador para o desenvolvimento de estudos futuros sobre os significados da laje para a produção cultural, no contexto do espaço urbano. Por isso, sugerimos que outros atores envolvidos neste processo sejam ouvidos, como por exemplo o público das intervenções, os artistas envolvidos, os líderes/representantes comunitários, os proprietários das lajes e os moradores da comunidade, podendo contribuir de maneira significativa com informações e pontos de vista que colaboram ou divergem dos resultados obtidos.

Observada as virtudes e os limites da estratégia de pesquisa realizada, e tendo em vista que o objeto desse estudo é um projeto, dentre uma infinidade de ações na área cultural e artística, sugere-se que a pesquisa seja considerada e ampliada, buscando esboçar a realidade de outras produções culturais. Já na perspectiva da contribuição científica, essa pesquisa pode não somente oferecer indicações de ampliação do campo de incidência da pesquisa, como sinalizar *insights* para investigações posteriores.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. V. Recontextualizing Observation: Ethnography, Pedagogy and the Prospects for a Progressive Political Agenda. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 2011.

BARROS, José Marcio. Algumas anotações e inquietações sobre a questão dos públicos da cultura. **Relatório** do Encontro Internacional de Públicos da Cultura, 12 a 14 de novembro 2013. SESC Vila Mariana. São Paulo.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da Cultura e Políticas Públicas. *In*: **Revista S. Paulo em Perspectiva**. São Paulo, 15(2): 73-83, abril/junho de 2001.

_____. Equipamentos e serviços culturais na região central da cidade de São Paulo . *In:* Alvaro A. Comim; Nadia Somekh. (Org.). **Caminhos para o centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo.** São Paulo: EMURB/PMS/CEBRAP/CEM, p. 159-198, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural.** São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____.(Org.). **A cultura pela cidade.** São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CHANLAT, J. F. O ser humano, um ser espaço-temporal. *In:* CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** V. 3. São Paulo: Atlas, 2010.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens.** Artmed: Porto Alegre, 2006.

FANTINEL, Leticia Dias; CAVEDON, Neusa Rolita; FISCHER, Tânia Maria Diederichs. **Significados permanentes e mutantes: sociabilidades e significações no cotidiano de um café.** Ciências Sociais Unisinos, v. 50, n. 2, p. 153-165, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2014.50.2.07>. Acesso em: 29 Jun. 2016.

FISCHER, G. N. Espaço, Identidade e Organização. *In:* CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** V. 2. São Paulo: Atlas, 2010.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. *In:* BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2000.

GONZALEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. **A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes.** Revista de Administração Mackenzie, v. 11, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/1531>>. Acesso em: 29 Jun. 2016.

KRIPPENDORFF, K. **Metodología de análisis de contenido: teoría y práctica.** Barcelona: Paidós, 1990.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

MAGNANI, J. Guilherme. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** RBSC, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, julho 2002.

_____. **Os circuitos dos jovens urbanos.** Tempo Social - Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração**: Potencial e Desafios. RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4>> Acesso em: 25 Jun. 2016.

PORTO, Marta. O espaço que antecede os espaços culturais. *In: Anais do encontro Espaços Culturais – 2º Seminário de Gestão Cultural*. Duo Informação e Cultura, Belo Horizonte, 2010.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade**: fronteiras com a ética e a cultura. São Paulo, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, v. 4, 1988.

SCHMID, Christian. A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP**: espaço e tempo, n. 32, p. 89-109, 2012. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/geousp/ojs-2.2.4/index.php/geousp/article/viewArticle/306>>. Acesso em: 29 Jun. 2016.